

A NATUREZA HUMANA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Cláudio Manoel de Carvalho Ferreira Martins*

RESUMO: O presente artigo busca traçar uma relação entre a natureza humana e as questões da sexualidade, fazendo uma leitura do conceito de sujeito cerebral, desenvolvido recentemente com o avanço científico que permite visualizar as reações do cérebro. Busca também posições da psicologia, fazendo uma leitura introdutória dos conceitos de Freud e Rogers a respeito da natureza humana. Como última abordagem, faz uma leitura do desenvolvimento do movimento de liberação sexual. Concluí com considerações a respeito da doutrina da queda, dentro dos fundamentos da fé reformada, auxiliado pelas declarações da Confissão de Fé de Westminster.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza humana, sujeito cerebral, psicologia, sexualidade, teologia.

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR; Presbítero da Igreja Presbiteriana (IPB); Email: claudiom.cwb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Podemos Como descrito na página de pós-graduação da PUC-PR, a teologia está alicerçada nas Escrituras, ou seja, deve a partir das Escrituras fazer sua busca pela compreensão de Deus e suas revelações.

Sabidamente deve-se utilizar outras ciências correlatas, como sociologia, antropologia e outras como ferramental para o estudo da teologia, no entanto, deve-se observar que esta interdisciplinaridade deverá ser no sentido de auxiliar a compreensão dos fundamentos da teologia cristã, constantes nas Escrituras Sagradas, a Bíblia. No entanto, há que se tomar o devido cuidado para que uma ciência auxiliar não ganhe maior destaque e relevância que o objeto de estudo, as Escrituras, ou até mesmo, que os pressupostos de uma ciência auxiliar não venham a desconstruir o objeto de estudo, ao ponto de deixar de ser teologia.

A teologia cristã promove uma reflexão sistemático-crítica das práticas das comunidades eclesiais e das pessoas em geral, articulada com a Revelação judaico-cristã, codificada nas

Escrituras. A finalidade é atualizar continuamente a mensagem sempre nova do Evangelho e contribuir com sua encarnação na vida pessoal e comunitária, no seio da sociedade secular.

Alicerçada nas Escrituras e em estreita relação com a tradição cristã, a ciência teológica propriamente dita se ocupa da sistematização da mensagem cristã, com o objetivo de dar “razões à fé” e contribuir com sua vivência nos diferentes contextos e épocas. (www.pucpr.edu)

1. A ORIGEM DO HOMEM NA BÍBLIA

A Bíblia no livro do Gênesis, capítulo 1 nos apresenta o relato da origem de todas as coisas, donde se destaca a criação do ser humano na figura do primeiro homem (em hebraico *adam*) que feito do barro, da terra (em hebraico *adamah*) conforme Gn 2:7, vem do solo assim como todos os animais terrestres, conforme Gn 1:24. A Bíblia de Genebra, em seu comentário a Gn 2:7 indica que o jogo de palavras em hebraico homem – “*adam*” e terra - “*adamah*” mostra a estreita ligação do homem com a terra porque esta foi o seu berço, o seu lar e a sua sepultura.

Ao comando de Deus, os animais foram produzidos pela terra (Gn 1.24). O homem, porém, foi criado, depois de deliberação divina, à imagem de Deus, para

ser mestre sobre todas as coisas. Essas breves descrições são esclarecidas e expandidas no segundo capítulo de Gênesis. O primeiro capítulo oferece uma história geral da criação, que tem seu objetivo e fim na humanidade, enquanto o segundo trata especialmente da criação humana e da relação que os seres humanos mantêm com as outras criaturas. No primeiro relato, o ser humano é o fim da natureza; no segundo, é o começo da História. (BAVINCK, 2012, p. 519-520)

Deus fazendo uso de material pré-existente para a formação do corpo humano, faz com que a biologia dos seres humano seja perfeitamente integrada ao restante da criação. No entanto, há um segundo elemento envolvido na criação e formação do ser humano, conforme consta em Gn 2:7, o “*ruah*”, sopro vital, ou espírito de vida, soprado por Deus nas narinas do ser humano, que passa a ser “*nefesh*”, um ser animado pelo espírito dado por Deus:

No relato descrito na Bíblia de Jerusalém, Edições Paulinas, consta:

Deus disse: “Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie...” (Gn 1:24).

Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo^t, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente^u. (Gn 2:7)

O comentário que consta no rodapé da página referente a Gn 2:7 é o seguinte:

t) *O homem, adam, vem do solo, adamah (cf. 3:19). Este nome coletivo vai se tornar o nome próprio do primeiro ser humano, Adão (cf 4:25 e 5:13).*

u) *“Ser vivente” traduz aqui o vocabulário nefesh, que designa o ser animado por um sopro vital (manifestado também pelo “espírito”, ruah: 6:17+; Is 11:2+; cf. Sl 6:5+).*

Importante destacar que a criação do homem só é completa, no que poderíamos chamar de segunda fase, quando da criação da mulher, pois o relato de Gn 1:27 no diz: *“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”*, e ainda em Gn 2:18, 24 *“Disse mais o Senhor: Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.(...) Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.”* – Bíblia de Genebra, 2009.

Na criação do ser humano, diferentemente de qualquer outro ser vivo, conforme relato bíblico ocorre a junção e ou união de duas realidades distintas, a material e a espiritual, ou a biológica e a transcendente. Do ponto de vista de formação biológica, como ser vivo terrestre, o homem não se distingue, em suas origens, dos animais, todos tem sua origem na terra. No entanto, a distinção específica está no ato de Deus insuflar em suas narinas “um hálito de vida” o “ruah”.

Os animais encontram-se em estado biologicamente vivo, da mesma forma o homem. No entanto, este último é animado por um “sopro vital”, manifestado pelo “espírito”. Distingue-se o homem dos demais seres vivos por possuir o espírito dado pelo Criador, e também consciência disto, revelada por Deus em seu relacionamento diário no Éden, conforme Gn 2.

Biologicamente, o homem está sujeito a todas as leis naturais. Sente fome, frio, calor, se reproduz via acasalamento, nasce, cresce, envelhece e morre. Neste aspecto, de forma geral, não se distingue dos demais animais mamíferos, mas uma vez sendo o portador do “*ruah*”, o fôlego de vida dado por Deus, exclusivamente ao homem, passa a ser *alma vivente*, dotada de consciência e capacidade criativa, conforme expressão utilizada na Bíblia de Genebra, Gn 2:7.

A alma do homem foi uma nova produção de Deus, no sentido estrito da palavra, Jeová “lhe soprou nos homens nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Com estas simples palavras afirma-se a dupla natureza do homem, e o que elas nos ensinam é corroborado por outras passagens da Escritura, como Ec 12.7; Mt 10.28; Lc 8.55; 2Co 5.1-8; Fp 1.22-24; Hb 12.9. (BERKHOF, 2012, p. 168-169).

2. ELEMENTOS ESSENCIAIS DA NATUREZA HUMANA NA TEOLOGIA

O Catecismo da Igreja Católica Romana estabelece doutrinariamente que a pessoa humana possui uma alma imortal:

1703. Dotada de uma alma «espiritual e imortal» (5) a pessoa humana é «a única criatura sobre a terra querida por Deus por si mesma» (6). Desde que é concebida, é destinada para a bem-aventurança eterna. (Catecismo da Igreja Católica, acesso em 22/09/17)

Semelhantemente, o Catecismo de Fé de Westminster, adotado pelas igrejas reformadas:

Capítulo IV – DA CRIAÇÃO II. Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea, com alma racional e imortal, e dotou-os de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem, tendo a lei de Deus escrita no seu coração e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixado à liberdade de sua própria vontade, que era mutável. (CFW – Bíblia de Genebra).

De acordo com as Escrituras Sagradas, o ser humano tem uma dupla origem divina, feito por Deus dos elementos criados por Ele e animado pelo sopro divino, distinguindo-se dos demais seres, no sentido de que além da constituição física, apenas à ele foi dado o “fôlego de vida”, o “ruah”, ou “nefesh”. O Catecismo Católico Romano, bem como o Catecismo de Westminster são de entendimento de que o ser humano é a única criatura dotada de uma alma espiritual e imortal, decorrente do sopro de vida que o Criador ofereceu ao homem para anima-lo. Neste sentido o ato

especial de criação do ser humano para ser imagem e semelhança de Deus, uma vez que Ele lhe concedeu algo particularmente seu, o “nefesh”. Com isso também lhe atribuiu função específica, a fim de cuidar e dominar sobre toda a criação. Pelo relato bíblico de Gênesis capítulos 1 e 2, pode-se dizer que a natureza humana, divinamente criada, está mais próxima ao criador que ao restante da criação, em virtude de sua condição especial de criação e das responsabilidades atribuídas a espécie humana.

Conforme foi visto, o ser humano é composto por corpo e alma, no entanto, tal fato suscitou muitos debates ao longo dos séculos. Nesta discussão, sendo a alma um elemento imortal como estaria relacionado com o corpo que é mortal e limitado? Há uma prioridade de importância entre ambos? A princípio a alma é considerada o elemento que merece a primazia por ser fruto do sopro de Deus. Tal entendimento se dá principalmente em decorrência a tradução da Septuaginta, da Bíblia Hebraica para o grego, a dificuldade de tradução associada a filosofia grega alimentou este entendimento, o que não ocorre no pensamento hebraico que vê o ser humano como um todo. No entanto ainda há outras divisões em debate na teologia. (BERKHOF, 2012, p 178)

Historicamente a teologia cristã, desde os pais gregos, interpretam esse e outros textos bíblicos como indicação de uma possível subdivisão do ser humano. Embora sendo um único ser, a discussão gira em torno de três opções de entendimento. A primeira opção é entender o ser humano como uma unidade (monismo), a segunda, como sendo subdividido em duas partes

constituintes de corpo e alma (dicotomia) e a terceira, como subdividido em três partes, corpo, alma e espírito (tricotomia). (BERKHOF, 2012, p 181)

O Dr. Marcos Orison Almeida (2016) fazendo uma análise do texto de Gn 2:7 apresenta a seguinte leitura: O que lemos é: “Então o Senhor Deus formou o homem (*adam*) do pó (*aphar*) da terra (*adamah*) e soprou (*naphach*) em suas narinas (*aph*) o fôlego (*neshamah*) de vida (*chayyim*), e o homem (*adam*) se tornou um ser (*nephesh*) vivente (*chayyim*)”. Almeida (2016) busca simplificar a questão afirmando que se trata tão somente de uma descrição da natureza divina do ser humano:

Considerando o relato da criação como um todo, não enxergo aqui uma intenção do autor em desenvolver uma teologia profunda, detalhada, da constituição humana, nem mesmo a indicação de uma possível tricotomia. Pelo contrário, o que vejo é a transmissão de uma ideia, de maneira até simples, mostrando de modo figurado a formação do ser humano. A descrição fala da modelagem de um tipo de boneco feito do pó da terra que, como qualquer estátua, é inanimado. Para que ele se torne um ser vivente, Deus sopra em suas narinas e, assim, ele vem à vida. Em nenhum momento vemos uma preocupação ou cuidado do autor em detalhar como o pó da terra se transformou em músculos e órgãos ou como se transformou naquilo que a língua hebraica denomina de carne (*basar*). Não aparece também no texto qualquer alusão ao fôlego (*neshamah*) de vida como estando associado ao vento ou espírito (*ruach*), ainda que outros textos façam essa associação

posteriormente. O que parece ocorrer é uma breve descrição do ser humano como alguém criado por Deus dos elementos da terra que vem à existência, ou seja, tornando-se um ser (*nephesh*) vivente pela ação divina. (ALMEIDA, 2016, p. 29)

O Catecismo da Igreja Católica faz uma conceituação de unicidade do ser humano: “A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual” (CIC, n). Na mesma linha o Concílio Vaticano II: “Portanto, o homem considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade” (GS, nº 242). O fato teológico a ser considerado é que Deus criou o homem em condição especial a toda a criação, segundo Sanches (2012, p. 62): *“...é necessário afirmar simplesmente que o corpo não é senão o dado existencial do ser humano, nele se agrega, por causa do chamado divino, uma dupla dimensão: ser terrestre e transcendente, ao mesmo tempo.”*

3. O HOMEM BIOLÓGICO – SUJEITO CEREBRAL

Quando abstraímos a questão teológica do debate sobre a natureza humana, nos deparamos com o sempre presente confronto entre o inato e o adquirido. As habilidades físicas e intelectuais são inatas ou adquiridas? Em princípio esta é uma discussão exaustiva e complexa, e é possível que o equívoco esteja em buscar algo que seja totalmente inato ou totalmente adquirido. Tal extremismo que foge das descobertas científicas

contemporâneas a que se referem as predisposições genéticas, também chamada de susceptibilidade genética, que é definido como o efeito do gene que influencia a expressão fenotípica de um indivíduo.

Estas predisposições também se aplicam a questões como o desenvolvimento do intelecto, aptidões artísticas, desenvolvimento físico para a formação de atletas e doenças. A predisposição não significa que um indivíduo irá obter a condição específica desta susceptibilidade, pois seria necessário proporcionado as condições adequadas para o desenvolvimento de tal predisposição. Desta forma observa-se uma mescla, ou interposição entre o inato e o adquirido. (MARQUES-LOPES, 2004)

Determinada composição genética é diretamente responsável pelos atributos físicos de um organismo, a predisposição genética pode altera-lo ou modifica-lo, no que diz respeito aos fatores ambientais. Na ciência médica, por exemplo, a predisposição genética é avaliada para correlacionar a possibilidade de desenvolvimento de doenças em um indivíduo e disposição dos genes para os problemas de saúde particular, considerando o meio em que vive. (MARQUES-LOPES, 2004)

As regras da biologia que são aplicadas aos seres humanos são, de forma geral, as mesmas aplicadas as demais espécies, sendo que no primeiro caso, com maiores complexidades neurológicas, uma diferença fundamental que vem sendo muito estudada ao ponto de produzir o conceito de sujeito cerebral.

Segundo Miguel Nicolelis (2011) a natureza humana é o reflexo do comportamento cerebral, composto por “imensas redes neuronais altamente conectadas e de operação extremamente dinâmica, conhecidas pela alcunha de circuitos neurais” (p. 18), sendo a única responsável pelo comportamento humano, que é um reflexo do que ocorre no cérebro. Desta forma para Vilaça (2013) “falar de natureza humana é, então, referir-se a algo biologicamente estruturado, especificamente associado a um determinado órgão, em que há multiplicidade de manifestações geralmente tidas como antagônicas” (p. 39).

Ortega e Vidal (2007) apresentam o conceito de “sujeito cerebral”, que diz respeito “a figura antropológica que incorpora a crença de que os seres humanos são essencialmente reduzíveis aos seus cérebros”. De acordo com os autores, o *self* genético, derivado da imunologia, definida como “ciência da discriminação *self-nonsel*”, poderia vir a ser um forte competidor do sujeito cerebral, no entanto cita Mauron (2003) para refutar tal risco:

“se compararmos as explicações da personalidade e do comportamento ‘baseadas em genoma’ e ‘baseadas no cérebro’, o resultado é que os aspectos neurais da natureza humana são mais diretamente relevantes. Muitas questões filosóficas e éticas tradicionalmente levantadas a respeito de genética e genoma adquirem mais relevância e urgência quando reexaminadas no contexto da neurociência.” (ORTEGA e VIDAL, apud MAURON, 2003, p.204).

E ainda citando Rose (2003):

O cérebro ocupa um lugar privilegiado na representação da individualidade e subjetividade em termos corporais. Crenças, desejos e comportamentos são frequentemente descritos num vocabulário cerebral ou neuroquímico, expressando assim a noção de um “self neuroquímico” (ROSE, 2003)

De acordo com Ortega e Vidal (2007), o sujeito cerebral constitui uma grande figura biossocial e antropológica, uma forma central da mutação maior da identidade individual que foi chamada de “individualidade somática”.

A partir dos anos de 1980, com a aplicação de novas tecnologias a neurociência e os conhecimentos decorrentes desse avanço, que permitiram visualizar as reações do cérebro nas mais diferentes situações, o que ganhou interesse da comunidade científica, vieram a “anunciar o surgimento de uma biologia da consciência ou do espírito”. Isto foi possível a partir de uma perspectiva teórica que trabalha com o postulado de que “o cérebro é o fundamento do espírito”. Tal perspectiva já era conhecida, no entanto com as novas tecnologias, o progresso científico faz dela uma perspectiva prática, “profissional e terapêutica”. (EHRENBERG, 2009)

Ehrenberg citando Nancy Andreasen (2001), redatora chefe do *American Journal of Psychiatry*, informa que a convergência entre a biologia molecular e a neuroimagem mudou a maneira como se

pensa as causas e os tratamentos das doenças mentais, “o objetivo é achar uma penicilina da doença mental” e desta forma tratar a esquizofrenia ou a demência da mesma forma que uma doença infecciosa, acabando com a distinção lesão/função, a base clínica da fronteira entre neurologia e psiquiatria.

“... a distinção entre lesão e função se tornou o nó das controvérsias sobre as relações corpo-espírito (ou cérebro-espírito)”.

“[no] início do século XX vê estabelecer-se uma separação, fundada sobre a clínica, entre o homem cerebral da neurologia e o homem falante da psicopatologia. No primeiro caso, o sintoma transcende o paciente que tem uma doença do sistema nervoso (é o seu cérebro o ponto de imputação da terapêutica), no segundo, o sintoma é inteiramente singular ao paciente que está doente de si mesmo, por assim dizer, de sua intencionalidade (desejo, crença, vontade, etc.)” (EHRENBERG, 2001).

A teoria do sujeito cerebral, em certo aspecto, faz do cérebro, hora o local da alma hora a própria alma material, como responsável pelos sentimentos. Ehrenberg cita François Jacob (2000) que afirma que somos uma perigosa mistura de ácidos nucleicos e de lembranças, de desejos e proteínas. As interações dos processos cerebrais, bioquímicos e elétricos, com as experiências sociais humanas que geram emoções, sentimentos e reflexos corporais compreendem a totalidade do ser humano. E ainda que possam ser mapeadas pela tecnologia, como a reação

cerebral as emoções, cabe ao indivíduo dizer por quem e porque sente tais emoções. Logo, tal teoria, busca “resolver o problema psicofísico substituindo a alma etérea e insaciável do filósofo pela alma material e tangível do sábio, a saber, o cérebro”. (EHRENBERG, 2009).

A existência de alterações cerebrais não é um argumento: na medida em que possuímos um corpo, é normal que múltiplas intermediações biológicas (neurotransmissores, sinapses, artérias cerebrais etc.) nos façam sentir o que nós sentimos. Aqui, a distinção das causas e das razões deve ser considerada como hierárquica: a mecânica causal do cérebro é englobada no universo das significações do que ela deriva. As significações implicam a preeminência dos valores (bem/mal, bonito/feio) e regras (permitir, ordenar, proibir) sobre o corpo (ou o cérebro). (EHRENBERG, 2009)

Zanbenedetti (2012) afirma que o sujeito cerebral também chamado de ‘eu neuroquímico’ é a teoria de um “novo modelo pelo qual o cérebro e seus mecanismos de ação são referências (reducionistas) para explicar o que se é, e como se deve/pode ser e como intervir em si mesmo”.

4 NATUREZA HUMANA NA PSICOLOGIA

Diante desta teoria não se pode deixar de abordar a questão da natureza humana sob o ponto de vista da psicologia, sob o

ponto de vista daqueles que estudam as emoções humanas, ou no dizer da teoria do sujeito cerebral, sob o ponto de vista da alma.

De acordo com Gusmão (1998) a obra de Sigmund Freud tem um teor cético em relação ao homem, para quem a natureza humana é determinada por pulsões e forças irracionais oriundas do inconsciente, buscando um equilíbrio homeostático também é determinada por suas experiências vividas na primeira infância.

O equilíbrio homeostático alegado, diz respeito a capacidade de um sistema biológico manter-se em estado de equilíbrio dinâmico, o que lhe permite a manutenção de sua integridade. O sistema em questão encontra-se em permanente interação com o meio, sendo que o equilíbrio é mantido por uma gama de processos de retroalimentação, ou *feedback*, que oscila em torno de uma posição de equilíbrio nunca atingido, uma vez que se trata de um sistema aberto em modificação permanente. No entanto é importante anotar que o processo de autorregulação homeostática possibilita que o organismo corrija seus defeitos, anomalias e desvios, com o objetivo de manter sua integridade.

Esta autorregulação interna é muito importante, uma vez que para Freud o homem é possuidor de um permanente conflito entre forças antagônicas existentes em seu interior, (GUSMÃO, 1998). Apesar da possibilidade do equilíbrio homeostático, Freud acreditava ser necessário um alto grau de controle da sociedade sobre este indivíduo com alternativas institucionais para os seus impulsos.

A sociedade civilizada está perpetuamente ameaçada pela desintegração por causa dessa hostilidade primária dos homens entre si... A cultura tem de recorrer a todo reforço possível a fim de erigir barreiras contra o instinto agressivo dos homens. Dai... seu mandamento ideal de amor ao próximo como a si mesmo ser realmente justificável pelo fato de que nada está tão completamente em desacordo com a natureza humana original. (Freud (1930), Walker, 1957, p.3, apud GUSMÃO).

A obra de Freud é rica em afirmações que demonstram seu pessimismo em relação aos homens, seja quando aborda o princípio do prazer ou quando se refere a necessidade de repressão para conter a hostilidade natural do ser humano.

Em 1932, em carta ao físico Albert Einstein, Freud discorre sobre sua teoria dos dois instintos presentes no homem: o erótico, que tende a preservar e a unir e o agressivo, cuja tendência é matar e destruir, (GUSMÃO, 1998).

Para Freud a educação tem papel fundamental para que as pessoas aprendam a dominar sua natureza e seus instintos, destacando a necessidade de fortalecimento do intelecto no comando da vida pulsional e a internalização dos pulsos agressivos, com todos os riscos que possa acarretar, como sendo as características psicológicas mais importantes da civilização. (GUSMÃO, 1998)

Diferentemente de Freud, Carl Rogers apresenta uma visão

bastante otimista do ser humano. Segundo Rogers (1997), se o homem não possui lesões ou conflitos estruturais profundos, ele “tem a capacidade latente ou manifesta, de compreender-se si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado” (ROGERS & KINGEST, 1997, p. 39, apud Gusmão, 1998).

Conforme apresenta Gusmão (1998), Rogers discorda da ideia de equilíbrio homeostático apresentado por Freud, uma vez que o indivíduo sempre estará a procura de estímulos mais complexos – “No homem, essa busca de estímulos mais enriquecedores é denominada curiosidade”.

Os organismos estão sempre em busca de algo, sempre iniciando algo, sempre ‘prontos para alguma coisa’, há uma fonte central de energia no organismo humano. Essa fonte é uma função do sistema como um todo, e não uma parte dele. A maneira mais simples de conceitua-la é como uma tendência à plenitude, a auto realização, que abrange não só a manutenção, mas também o crescimento do organismo (Rogers, 1983, p. 44, apud GUSMÃO, 1998).

No entendimento de Rogers (1983, apud GUSMÃO), o organismo é a pessoa inteira, uma unidade bio-psico-sócio-espiritual, que reage como tal, às diversas situações que a vida lhe impõe. Por esta complexidade e dinamismo, Rogers via com

grande dificuldade encaixar a humanidade nos pressupostos até então estabelecidos. Para ele a boa saúde mental não se obtém após uma série de etapas, tão pouco por reduzir a tensão dos impulsos e pulsões biológicas. Para Rogers a complexidade humana e as sequências de experiências levam a um processo contínuo de aprendizado com reflexos instantâneos, “a vida existe na experiência de cada momento (...) uma concepção saudável de si não é uma identidade fixa, mas uma entidade fluída e em mutação, aberta as possibilidades”. (HERMETO e MARTINS, 2012, p. 132)

Pode-se observar a clara distinção entre as teorias de Freud e Rogers, sendo esta última muito próxima da linha de pensamento de Zygmunt Bauman e sua definição de “modernidade líquida”, apesar de que Bauman se utiliza bastante dos estudos de Freud em sua obra, (BAUMAN, 1998).

O fato é que a mente humana, suas conexões neurais, suas formas de registros de experiências e de processamentos emocionais tem se demonstrado um processo sofisticado. Em sua complexidade bio-psico-sócio-espiritual, referenciado em Rogers, um dos temas mais debatidos na atualidade seja o da questão da sexualidade, muito explorada nos estudos de Freud.

4. SEXUALIDADE E A QUESTÃO DE GÊNERO

Nas últimas décadas os temas relacionados a sexualidade têm ganho um grande espaço nas mídias, nos debates e na

academia, provavelmente por ser um assunto que envolva questões essenciais aos seres humanos. Nos temas de sexualidade, destaca-se as questões da liberdade sexual, cujo início dos debates poderia ser datado nas décadas de 1950-60, destacando as contribuições do pesquisador americano Alfred C. Kinsey (1894-1956), que aplicou seus conhecimentos em zoologia ao estudo do comportamento sexual humano. Suas conclusões foram que a pansexualidade deveria vigorar como a norma do comportamento sexual humano, que ao contrário dos bissexuais, que sentem atração unicamente por pessoas do sexo masculino e feminino, os pansexuais vão além, pois não entendem o gênero como dois “blocos rígidos”, masculino e feminino, mas sim como uma “corrente fluída” e mais complexa.

Segundo Santos (2003), após as pesquisas de Kinsey, “os limites da expressão sexual foram perdidos”, até então o amor sexual era chamado de ‘o ato conjugal’. Com a base de estudos científicos produzidos por Kinsey em 1938 e 1953, os ativistas sociais propagaram e ampliaram suas ideias, que ganharam grandes destaques inclusive na constituição de programas televisivos dos mais variados formatos.

De acordo com Spargo (2017), em meado de 1970 havia um movimento de pessoas que se identificavam como gays ou lésbicas e tinham o objetivo de transformar o sistema social vigente, visto como causa da opressão. Ao final desta década, o movimento ganhou características políticas com o chamado “modelo étnico” – *“Assim, apresentava gays e lésbicas como um grupo minoritário*

singular, igual, mas diferente, e dedicava-se a conquistar direitos e proteção legal na ordem existente” (p.26). Este movimento ganhou força política e conquistou direitos, no entanto acabou se dissipando pelas próprias divergências internas.

As divergências culminaram no que é chamado de “guerra dos sexos”, em que lésbicas sadomasoquistas, mulheres em relacionamentos *butch-fem* e feministas anticensura contestaram em alto e bom som a ideia de uma solidariedade lésbica harmoniosa. Embora a concepção dominante de identidade gay masculina reconheça práticas sexuais diversas, incluindo sexo não monogâmico e grupal, algumas pessoas enxergam nela a defesa de um ideal restrito e respeitável de relacionamento sério. (SPARGO, 2017, p. 28).

Muitas expressões foram utilizadas, ao longo do tempo, para designar os simpatizantes dos movimentos de liberdade sexual, como Movimento Gay e Movimento LGBT. Na transição do século XX para XXI, havia uma forte discussão em torno da ideia de que uma pessoa ‘nasce homossexual’ e por este motivo não há porque lutar contra sua natureza, uma vez que não se trata de uma escolha. Interessante que neste período Michel Foucault já havia publicado o primeiro volume de História da Sexualidade. Sua obra basicamente define sexualidade como uma categoria de experiência que foi construída e que tem origens históricas, sociais e culturais, mas não biológicas, (SPARGO, 2017).

Em 1990, Judith Butler escreve o livro *Gender Trouble – Problemas de Gênero*, obra na qual se propõe a corrigir e ampliar os estudos de Freud sobre comportamento e suas origens, fortemente inspirada em Freud, Hegel e Foucault. De acordo com Sara Salih (2017), que escreve sobre as cinco principais obras de Butler, com especial destaque para *Gender Trouble*, Butler escreve e deixa claro em sua obra, que tem a intensão específica de contestar e desestabilizar a estrutura binária heterossexual (homem-mulher), que segundo ela, é a fonte da estrutura de poder que reprime e subjuga a feminilidade, acreditando estar desenvolvendo um trabalho em benefício do movimento feminista. Butler, supostamente baseada em Freud e nos seus estudos ampliados deste autor, afirma que a heterossexualidade é melancólica, sendo produzida pela repressão, decorrente do tabu contra a homossexualidade e contra o incesto, uma vez que a criança, originalmente, ama seu pai ou sua mãe, e posteriormente é reprimida pelas tabus indicados.

È consenso que a obra de Butler é confusa e sem afirmativas, uma vez que ela se utiliza com muita frequência das expressões, “penso”, “é possível que”, “talvez” e outras inconclusas. Segundo Salih (2017), “*Em 1999, a revista acadêmica Philosophy and Literature concedeu a Butler o primeiro lugar na sua seleção anual dos “piores escritores”, definidos como os responsáveis pelas “passagens estilisticamente mais lastimáveis em livros e artigos acadêmicos”*”.

Mais recentemente destaca-se as discussões acerca das

questões de gênero onde o ponto principal se concentra na possibilidade de uma pessoa não se identificar com seu sexo biológico, aliás, para teóricos desta área, sexo são basicamente dois, masculino e feminino, já gênero, existem tantos quantos a imaginação dos seres humanos possam produzir, pois se trata do comportamento sexual do indivíduo e de suas preferências sexuais.

Na realidade, as discussões sobre gênero são, grosso modo, uma nova roupagem das discussões sobre a homossexualidade e a pansexualidade, só que agora de forma ampliada, uma vez que existem algumas dezenas de gêneros diferentes estabelecidos, ou “descobertos”.

Em 2011 a *American Psychological Association* (APA), através do trabalho da Dra. Lisa Diamond, co-editora-chefe do “*APA Handbook of Sexuality and Psychology*” afirmou que a orientação sexual, assim como a atração, no comportamento e a autoimagem são fluídas, tanto para adolescentes como para os adultos de ambos os sexos. Tal afirmação jogou por terra anos de debates sociais e acadêmicos sobre a expressão ‘nasci assim e não posso mudar’.

De acordo com o trabalho da Dra. Diamond, o desejo sexual é fluído, o desejo homossexual não está fixo, o comportamento é uma escolha, e as pessoas não precisam agir segundo todos os sentimentos, especialmente no que toca aos sentimentos sexuais. Desta forma, a orientação sexual encontra-se sujeita à mudanças, tal como outros sentimentos.

Observamos que de acordo com o trabalho da Dra. Diamond, a ‘opção sexual’ é justamente isto, uma opção, que não é obrigatoriamente fixa, portanto é ‘um querer ou não querer’, ‘um sentir ou não sentir’, dentro do princípio da liberdade individual do ser humano, ou de seus conflitos íntimos e pessoais.

Diante de todo debate gerado sobre a questão de gênero, faz-se necessário a busca por definições claras sobre o termo, ao que se buscou a definição da UNESCO:

“Gênero refere-se aos papéis e responsabilidades de homens e mulheres que são criados em nossas famílias, nossas sociedades e em nossas culturas. O conceito de gênero também inclui as expectativas quanto às características, aptidões e comportamentos prováveis tanto de mulher como de homens (feminilidade e masculinidade). Papéis de gênero e expectativas são apreendidos. Podem mudar conforme o tempo e variam dentro e entre as culturas. Sistemas de diferenciação social tais como status político, classes, etnias, inaptidão física ou mental, idade e outros, modificam os papéis de gênero. O conceito de gênero é vital pois aplicado à análise social revela como a subordinação das mulheres (ou a dominação dos homens) é socialmente construída. Como tal, e subordinação pode ser mudada ou terminada. Não é biologicamente predeterminada ou fixa para sempre”. (UNESCO, 2003).

Urbano *et all* (2017), utilizando-se da neurociência busca responder a afirmativa dos ideólogos do gênero, que defendem

que “homem e mulher” são puramente construções sociais, eles citam inúmeros trabalhos científicos que apresentam as diferenças significativas, em termos de habilidades, preferências e comportamentos entre os sexos feminino e masculino, ‘levando toda uma linha de pesquisa a lidar com termos como “sexo cerebral”’. Tais distinções não poderiam ser causadas pelo meio, ou pelas construções sócio culturais, considerando a neuroplasticidade do cérebro, uma vez que tal habilidade cerebral é limitada a determinadas áreas não relacionadas nos estudos mencionados.

“... se por um lado está ainda em desenvolvimento o panorama da compreensão dos fatores que influenciam a auto identificação e a orientação sexual, por outro lado está mais do que bem evidenciado que há características próprias que diferenciam os cérebros do homem e da mulher, portanto “homem” e “mulher” existem sim e não são apenas construções sociais, pois existem não só socialmente, mas anatomicamente, fisiológica e neurologicamente”. (URBANO *et all*, 2017).

Conforme declarado por Camille Paglia, no programa televisivo Roda Viva Internacional da TV Cultura em 22/10/2015, “a manifestação e o aflorar da cultura de gênero, nada mais é do que sinais do fim da cultura ocidental como a conhecemos. A história é cíclica, e o aumento da promiscuidade é um sinal do fim de uma era, isso pode ser observado, por exemplo, no fim do império romano”. Para ela existem basicamente dois sexos que são

determinados biologicamente, com uma área cinzenta no meio, que na realidade atinge um número muito pequeno de pessoas. A propaganda faz alegações muito infladas sobre a multiplicidade de gênero. Quando uma cultura inicia seu declínio, há um surgimento do fenômeno transgênero, isto é sintoma do colapso de uma cultura.

Quando o prestígio do Estado e da religião andam baixos, os homens são livres, mas acham a liberdade intolerável e buscam novos meios de escravizar-se, por meio das drogas ou da depressão. Minha teoria é que, sempre que se busca ou se alcança a liberdade sexual, o sadomasoquismo não vem muito atrás. O romantismo sempre se transforma em decadência. (PAGLIA, 1992, p. 15)

No momento de produção deste artigo, encontra-se em discussão no Congresso Nacional o projeto para o estabelecimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), onde grupos políticos têm insistido na inclusão do tema sobre as questões de gênero. Em oposição, um grupo de médicos e pesquisadores encaminharam um documento em 25 de agosto de 2017, intitulado “Contribuições e Apelo Médico-Científico Acerca da Terceira Versão da Base Nacional Comum Curricular” (URBANO *et al*, 2017), no qual apresentam argumentos médicos-científicos que justificariam a não inclusão do tem na BNCC, pelo menos até que se obtenha maiores e melhores resultados científicos sobre o assunto, ainda tão polêmico e inconclusivo do ponto de vista

científico.

CONSIDERAÇÕES DE ENCERRAMENTO

A teologia cristã diferentemente de outras ciências, tem um único objeto central de estudos, as Escrituras. Isso não significa a não aceitação de outras ciências, mas sim uma delimitação clara e objetiva, no sentido de que a multidisciplinaridade deve ocorrer no sentido de auxiliar a leitura, interpretação e compreensão dos textos sagrados, considerando a história, em seus múltiplos aspectos, o contexto e as formas literárias empregadas pelas realidades sociais de cada época. Isso também implica no cuidado para que as ciências auxiliares tenham um limite de interferência no estudo da teologia cristã, para não o descaracterizar como teologia.

A transição da teologia para a antropologia, isto é, do estudo de Deus para o estudo do homem, é natural. O homem não é somente a coroa da criação, mas também é objeto de um especial cuidado de Deus. (...) Não confundamos o presente tema de estudo com a antropologia geral ou ciência da humanidade, que inclui todas as ciências que têm os homens como o objeto de estudo. Estas ciências ocupam-se da origem e história da humanidade, da estrutura fisiológica e das características psíquicas do homem em geral e das várias raças da humanidade em particular, com o seu desenvolvimento etnológico, linguístico, cultural e religioso, e assim por diante. A antropologia teológica ocupa-se unicamente do que a Bíblia diz a respeito do

home e da relação em que ele está e deve estar com Deus. Ela só reconhece a Escritura como a sua fonte, e examina os ensinamentos da experiência humana à luz da Palavra de Deus. (BERKHOF, 2012, p. 167), grifo nosso.

Não se fala aqui em sujeitar as ciências às lentes teológicas, isso já foi feito no passado com consequências terríveis. Mas, trata-se de reconhecer que as ciências auxiliares são limitadas em si mesmas, e especialmente quanto a sua participação nas análises, pois não podem desfocar o objeto central de estudos. Pode-se citar como exemplo a arqueologia, a falta de uma comprovação arqueológica de um determinado fato narrado nas Escrituras não deve ser suficiente para descartar o relato bíblico, que não tem a pretensão de ser um documento arqueológico ou científico, do ponto de vista do positivismo acadêmico.

No âmbito dos estudos teológicos, cabe as ciências auxiliares, fornecerem apoio e subsídio para a compreensão do texto sagrado, com esclarecimentos, dúvidas e questionamentos, no entanto sem destruir o objeto de estudos, que em última análise não pode deixar de ser considerada como a Revelação de Deus.

De forma especial, os estudos teológicos devem carregar consigo, um instrumento/ferramenta que explicitamente não se encontra em outras ciências, a fé. Teologia cristã sem fé é qualquer outra coisa: estudos literários, história, sociologia, religiões comparadas, menos teologia cristã.

Se considerarmos a teologia como uma ciência, devemos investigar os fundamentos de sua estrutura. (...) Normativamente, a teologia deve começar com a revelação, partir da fé, e articular seus próprios princípios básicos.

Por princípios, em geral se entendem a causa básica e o fundamento da realidade, tanto quanto os meios pelos quais chegamos a conhecê-la. Assim, Aristóteles, por exemplo, distinguiu entre princípios de ser, de existência e de conhecimento. Os teólogos também adaptaram essa terminologia. Através da revelação, Deus se faz conhecido a nós como a causa eficiente e primária de todas as coisas. A Sagrada Escritura é a causa interna instrumental eficiente da teologia, e a revelação divina também requer a iluminação interna do Espírito Santo. (BAVINCK, 2012, Vol. 1, pag. 207)

Observamos que a questão da natureza humana, do ponto de vista teológico é clara, o ser humano (homem e mulher) tem sua origem em Deus; e a ele, ser humano, foi dada liberdade para pensar, agir, pesquisar e descobrir os segredos das ciências e das relações sociais. Até aí nada demais. Ocorre que no início da criação, conforme relatado no livro do Gênesis capítulo 3, houve um fato denominado na teologia de “a queda”, que é a consequência da desobediência dos seres criados de uma ordem direta do criador. Tal ato de desobediência é denominado “pecado” tem como consequência o afastamento do ser criado do seu criador, fonte de vida e de conhecimento.

Após este fato, a condição geral do ser humano é a descrita em Gn 4:1-7, com destaque ao último versículo: “*Se procederes bem não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta, o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo*”, (B. de Genebra). E também a epístola de Tiago 1:14 “*Antes, cada qual é tentado pela própria concupiscência, que o arrasta e seduz*”, (Bíblia de Jerusalém). Desde então, pode-se dizer que a condição do ser humano é estar, em determinado grau, escravo de seus desejos.

De acordo com R. C. Sproul (2013), citando a obra de Santo Agostinho “*A Cidade de Deus*”, este relaciona oito consequências da queda: 1) a própria queda; 2) a perda da liberdade; 3) a obstrução do conhecimento; 4) a perda da graça de Deus; 5) a perda do paraíso; 6) a presença da concupiscência; 7) a morte física e 8) a culpa hereditária.

Observaremos apenas dois itens: 3) a obstrução do conhecimento, que segundo Sproul (2013), se refere a perda da capacidade intelectual original: ‘Originalmente, a mente do homem podia absorver e analisar a informação muito melhor e mais acuradamente do que podemos agora’. Logo as percepções da realidade a sua volta ficarem muito mais difícil para o homem. E 8) a presença da concupiscência: para Agostinho ‘envolve uma certa predileção para o que é sensual. Não é a própria sensualidade, mas uma inclinação a ela. Envolve uma certa “tendência” ou inclinação da vontade em direção à lascívia da carne...’.

O ensino bíblico se mostra condenatório quanto ao pecado da lascívia: Ex 20:14, adultério; Dt 22:23-30, fornicação; Dt 27:21, bestialismo; Lv 20:11-12 e 20, incesto; Rm 1:26-27, Lv 18:22 homossexualidade; Gl 5:19, prostituição; Gn 19:4-7; 2Pe 2:7 e Jd 7 Sodoma e Gomorra; Ez 16:49-50; Is 1, menção a Sodoma e Gomorra; Jr 23, menção a Sodoma e Gomorra; Lv 20:10-16, vários atos de lascívia, incesto, bestialismo, homossexualidade e adultério. No novo testamento vários deste comportamento são classificados na língua grega como “*porneia*”.

De acordo com Santos (2003), há uma proposta hermenêutica homossexual que questionado a posição de Jesus Cristo sobre a homossexualidade, uma vez que não a teria condenada abertamente, no entanto há que observar seus ensinamentos acerca do casamento heterossexual. “...Jesus condenou a homossexualidade diretamente ao insistir na singularidade do padrão divino, estabelecido desde a criação, como única condição válida para a prática dos atos sexuais (Mc 10:6-9). Ao discutir sobre o divórcio, Jesus apelou para a “intenção original” do Pai na criação (Mt 19:4-5) e deve-se fazer o mesmo ao abordar qualquer assunto relacionado à sexualidade humana, inclusive a homossexualidade. Jesus homologou o casamento heterossexual como padrão divino para comprometimento e práticas sexuais (Mc 10:5-9)”. SANTOS (2003), Fides Reformata.

Importante lembrar a “intenção original” do Pai na criação, conforme relatado no livro do Gênesis capítulo 2: Gn 2:18, 24 “Disse mais o Senhor: Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei

uma auxiliadora que lhe seja idônea.(...) Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.” – Bíblia de Genebra, 2009. Conforme descrito no início deste trabalho.

O professor Russel Norman Champlin, Ph. D., em sua obra *Novo Testamento Interpretado, Versículo por Versículo*, comentando Mateus 19:4 observa:

1. Jesus esclareceu que a criação do home e da mulher não foi algo arbitrário, e que nem o homem nem a mulher devem viver independentes um do outro. Foram criados para benefício um do outro, de modo compatível entre si; 2. O primeiro par não se constituía simplesmente de um homem e de uma mulher, mas de macho e fêmea, sendo assim, os representantes do princípio da união entre o homem e a mulher, princípio esse que requer uma união permanente, porque esse foi o propósito original da criação dos seres humanos. (CHAMPLIN, Vol. 1, p. 479), grifo meu.

Jonathan Edwards, em seu ensaio denominado “Sondando sua Consciências, originalmente publicado em 1788 com o título “*Christian Cautions: The Necessity of Self-Examination*”, escreve que o pecado, sempre carrega um grau de obscuridade que ilude a mente, segando para a realidade interna do coração. Desta forma, controlando a vontade humana engana o homem, fazendo com que seu julgamento seja alterado. ‘Quando a concupiscência prevalece, predispõe a mente para aprova-la.’ Assim, o pecado influenciando nossas preferências, parece bom e agradável, e a

mente o aprova. 'Portanto, quando um desejo pecaminoso vence a vontade, também lesa o entendimento', (EDWARDS, 1788).

Para o psicoterapeuta Carl Rogers não é necessário temer nenhum tipo de sentimento, apenas permitir que a cognição e a experiência fluam, sendo o ponto de partida da edificação da personalidade, deixando de lado os conceitos e ideais de como devemos ser. (Hemeto e Martins, 2012, p. 135-137). Vale lembrar que Rogers é contemporâneo do início do movimento de liberdade sexual iniciado nos anos 1960, pode-se ver como seus estudos, levados a últimas consequências, influenciaram tais movimentos. De certa forma, coincide muito com o discurso da militância LGBT e da Dra. Lisa Diamond, (2011).

A fé reformada apresenta o conceito de “depravação total”, que é a condição do ser humano após a queda. De acordo com esta doutrina, todo ser humano encontra-se no mesmo patamar diante de Deus, encontra-se no estado de pecador. Não há diferença entre rico e pobre, entre homem e mulher, “*todos pecaram e carecem da Graça de Deus*”, Rm 3:23.

A Confissão de Fé de Westminster, em seu Capítulo VI – Da Queda Do Homem, Do Pecado e Do Seu Castigo, afirma nos itens:

IV. Desta corrupção original, pela qual ficamos totalmente indispostos, incapazes e adversos a todo bem e inteiramente inclinados a todo mal, é que procedem todas as transgressões atuais. V. Esta corrupção da natureza persiste, durante esta vida, (mesmo) naqueles que são

regenerados (alcançados pela Graça), e embora seja perdoada e mortificada por Cristo, todavia tanto ela como os seus impulsos são real e propriamente pecado. (Confissão de Fé de Westminster, 1999).

Desta forma, mesmo aqueles que alegam já estarem salvos pela Graça de Cristo, mantem, nesta vida, a condição de pecador em luta com seus impulsos, com suas fraquezas e tentações. A condição de pecador iguala a todos os seres humanos, pondo-os no mesmo patamar. Desta forma, o respeito, a dignidade e a liberdade de expressão ser um direito comum a todos os homens e mulheres, enquanto que o amor ao próximo e a misericórdia são compromissos de todos os que confessam a fé cristã. E como reflexo dessa fé, esses têm a responsabilidade de defender o respeito, a dignidade e a liberdade de expressão de todos.

Sendo totalmente depravadas, as pessoas fazem o que desejam, alegando o que melhor lhe aprouver. Justificam-se da forma mais confortável e se iludem pela concupiscência, até o momento de serem “tocadas” pela Graça e iniciarem uma nova caminhada, inspiradas por Jesus. Ainda com lutas, dilemas e conflitos, conforme destaca o ponto V. do Capítulo IV da Confissão de Fé de Westminster. Ainda pecadoras carentes de se arrependem, mas cheias da ação salvífica de Deus que possibilita a construção uma nova identidade em Cristo.

A fé reformada orienta que os seres humanos não são

pecadores porque pecam, mas pecam por que são pecadores. Esta é sua condição natural e de si mesmos não há o que fazer para se auto justificar. Desta situação de pecadores, apenas o sacrifício vicário de Cristo pode redimi-los. Este conceito é fundamental para compreender que o amor soberano de Deus acolhe homens e mulheres, não pelos seus atos, mas por Seu amor pela criatura que escolheu como coroa da criação, mediante Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

A Confissão de Fé de Westminster. 4ª ed. São Paulo, Editora Cultura Cristã. 1999.

ALMEIDA, Marcos Orison Nunes de. **Teologia Sistemática III – Antropologia e Soteriologia.** Faculdade Teológica Sul Americana. Londrina-PR. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vicchi.** Tradução Carlos Alberto Medeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada.** Traduzido por Vagner Barbosa. – São Paulo, Cultura Cristã. 2012.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática.** Traduzido por Odayr Olivetti. 4ª ed. Revisada. – São Paulo, Cultura Cristã. 2012.

Bíblia de Estudo de Genebra, 2ª ed. Barueri, SP; Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo. Cultura Cristã. 2009.

Bíblia de Jerusalém. Edições Paulinas. São Paulo. 1991.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. 14ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHAMPLIN. Russel Norman. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**, Volume I. 4ª Impressão. Milenium. São Paulo, 1983.

DIAMOND, L. M. **The desire disorder in research on sexual orientation in women: Contributions of dynamical systems theory**. Archives of Sexual Behavior, 41, 73-83. 2012.

DIAMOND, L. M., Hicks, A. M., & Otter-Henderson, K. D. **Individual differences in vagal regulation moderate associations between daily affect and daily couple interactions**. Personality and Social Psychology Bulletin, 37, 731-744. 2011.

DIAMOND, L. M. & Wallen, K. (2011). **Sexual-minority women's sexual motivation around the time of ovulation**. Archives of Sexual Behavior, 40, 237-246. Download

DIAMOND, L.M., Fagundes, C. P., & Cribbet, M. R. **Individual differences in adolescent sympathetic and parasympathetic functioning moderate associations between family environment and psychosocial adjustment**. Developmental Psychology. 2012.

DIAMOND, L. M. **Female bisexuality from adolescence to**

adulthood: Results from a 10-year longitudinal study. *Developmental Psychology*, 44, 5-14. 2008.

DIAMOND, L. M., & Dickenson, J. **The neuroimaging of love and desire: Review and future directions.** *Clinical Neuropsychiatry*, 9, 39-46. 2012.

DIAMOND, L. M., Hicks, A. M., and Otter-Henderson, K. D. **Every time you go away: Changes in affect, behavior, and physiology associated with travel-related separations from romantic partners.** *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 385-403. 2008.

EDWARDS, Jonathan. **Sondando sua Consciência.** e-book, <http://projetocasteloforte.com.br/sondando-sua-consciencia-jonathan-edwards/>

EHRENBERG, Alain. **O sujeito cerebral. (The cerebral subject).** *Revista de Psicologia Clínica. Seção Especial Tradução de Marianna T. de Oliveira & Monah Winograd. vol.21 n.1, Rio de Janeiro, 2009.*

GUSMÃO, Sonia Maria Lima de. **A Natureza Humana Segundo Freud e Rogers.** *Revista UNIPÊ Cadernos, série psi, nº 1, João Pessoa, PB. 1998.*

HERMETO, Clara M., MARTINS, Ana Luisa. **O Livro da Psicologia.** Globo. São Paulo, 2012.

http://www.pucpr.br/posgraduacao/teologia/linhas_pesquisa.php, acessado em 30/10/2017.

http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s1c_ap1_1699-1876_po.html, acessado em 02/11/2017,

LEIS, Héctor Ricardo. **O conflito entre a natureza humana e a condição humana no contexto atual das ciências sociais**. XXVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, 21-25 outubro 2003.

MARQUES-LOPES, Iva. *Et all.* **Aspectos genéticos da obesidade**. Revista de Nutrição, vol. 17 n° 3. Campinas. Julho-Setembro 2004.

NICOLELIS, Miguel. **Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebros e máquinas – e como ela pode mudar nossas vidas**. Companhia das Letras. 1ª ed., Companhia das Letras. São Paulo, 2011.

ORTEGA, Francisco. **O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade**. Mana, vol. 14 n. 2, Rio de Janeiro. Oct. 2008.

ORTEGA, Francisco. VIDAL, Fernando. **Mapeamento do sujeito cerebral na cultura contemporânea**. RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde. Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 257-261, jul-dez 2007.

PAGLIA, Camille. **Entrevista Programa Roda Viva – TV Cultura**. 22/10/2015, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIYR1isM2o8>

PAGLIA, Camille. **Personas Sexuais, Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson**. Tradução de Marcos Santarrita. 3ª reimpressão. Companhia das Letras. 1992.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zelia. FREIRE, José-Jozefran. **O**

dualismo de Descartes como princípio de sua Filosofia Natural. Estudos Avançados, vol. 27 n° 79, pág. 157-170, São Paulo. 2013,

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Tradução e notas Guacira Lopes Louro. – 1. Ed.; 4 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017,

SANCHES, Mário Antonio. **A dignidade do embrião humano: diálogo entre teologia e bioética** / Mário Antonio Sanches, José Odair Vieira, Evandro Arlindo de Melo. – São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012.

SANTOS, Valdeci. **Homossexualidade: da repressão à celebração.** Fides Reformata, v. XX n° 2, p. 71-91, São Paulo. Editora Mackenzie. 2015.

SANTOS, Valdeci da Silva Santos. **Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade.** Fides Reformata, v. VIII, n. 1, p. 99-132. São Paulo. Editora Mackenzie. 2003.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares;** tradução Heci Regina Candiani; posfácio Richard Miskolci. 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 – (Argos, 2).

SPROUL, R. C. Sola Gratia. 2ª ed. Editora Cultura Cristã. São Paulo, 2013.

URBANO, Bianca de Freitas Monteiro, *et all.* **Contribuição e apelo médio-científico acerca da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular. Documento apresentado a Comissão Parlamentar de Educação em Brasília-DF.** São Paulo. 2017.

VILAÇA, Murilo Mariano. **Qual Natureza Humana? Que aperfeiçoamento? Qual Futuro? Reflexões em torno do conceito de natureza humana ampliada.** Revista Ética, Florianópolis. V. 12 n.1, p. 25-51. Jun. 2013.

ZAMBENEDETTI, Gustavo. **A mídia e o processo de pulverização da figura do sujeito cerebral.** Revista Mal Estar e Subjetividade. Vol. 12 ano 1-2, Fortaleza, jun. 2012.